

AS APARIÇÕES DO RESSUSCITADO: NARRATIVAS E HERMENÊUTICAS

THE APPARITIONS OF THE RESURRECTED ONE: NARRATIVES AND HERMENEUTICS

Ian Farias de Carvalho Almeida
Junior Vasconcelos do Amaral***

Resumo: Passados quase dois mil anos desde o evento Ressurreição, esse mistério sobre o qual se edificou a fé cristã continua a suscitar questionamentos e reflexões, não apenas pela inesgotabilidade que cada página bíblica porta consigo como possibilidade de interpretação, mas pela limitação físico-biológica desse fato que transcende a captação racional e os sentidos. As narrativas bíblicas não dão conta de traduzir com intensidade e precisão o significado da Páscoa, permitindo ao leitor oscilar entre informações e sentimentos. Sobre a fé no Ressuscitado, os primeiros crentes trocaram a timidez por um arrojado testemunho que os distanciou do mundo judaico e abriu nova compreensão na economia da salvação. O presente artigo não tem a pretensão de esgotar tema tão complexo, mas oferece, à luz das narrativas bíblicas, um caminho hermenêutico de leitura, que não dirime as lacunas bíblicas, mas delas se apropria como ferramenta interpretativa.

Palavras-chave: Ressurreição. Páscoa. Sagrada Escritura. Jesus Cristo.

Abstract: Nearly two thousand years after the Resurrection, this mystery upon which the Christian faith was built continues to raise questions and reflections, not only because of the inexhaustible nature of each biblical page as a possibility of interpretation, but also because of the physical and biological limitations of this fact, which transcends rational understanding and the senses. Biblical narratives fail to convey the meaning of Easter with intensity and precision, allowing the reader to oscillate between information and feelings. Regarding faith in the Risen One, the first believers exchanged timidity for a bold testimony that distanced them from the Jewish world and opened up a new understanding of the economy of salvation. This article does not claim to exhaust such a complex topic, but rather offers, in light of the biblical narratives, a hermeneutical path of reading that does not bridge biblical gaps, but rather uses them as an interpretative tool.

Keywords: Resurrection. Easter. Holy Scripture. Jesus Christ.

Introdução

Forte como a morte é o amor” (Ct 8,6).

A Ressurreição de Jesus é, sem dúvida, o evento mais revolucionário e extraordinário da História. Em todos os tempos, diversas figuras apareceram difundindo ideias, anunciando doutrinas ou se colocando como marcos de novas experiências espirituais. Mas, à magnitude

* Estudante do 3º ano de Graduação em Teologia na PUC Minas. Graduado em Filosofia e História pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR). Pós-Graduado em Ciências da Religião pela Faculdade Única. Autor de livros pela Editora Paulus.

** Presbítero na Arquidiocese de Belo Horizonte, onde exerce o trabalho de Vigário Episcopal e pároco. Doutor em Teologia Bíblica pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), com estágio de Doutorado sanduíche na Université Catholique de Louvain, Mestre em Teologia Bíblica pela FAJE. Atualmente é professor no IFTDJ (Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa), na PUC Minas. Pesquisador e autor de livros. Líder de Grupo de Pesquisa Bíblia e Contemporaneidade, ligado ao CNPq.

de tal acontecimento, nada pode ser comparado; tanto que, como será possível observar adiante, as redações dos textos da ressurreição estão eivadas de problemas textuais e desencontros narrativos, o que pesa em favor da historicidade desse fato, incompreensível mesmo para os que fizeram a experiência do Ressuscitado.

O itinerário desse trabalho começará por evidenciar a compreensão da ressurreição como fato teológico e a sua diferença do reavivamento de um cadáver. Aqui está o cerne da problemática, que, mesmo depois de quase dois milênios, com tantos teólogos debruçados sobre o tema, resguarda visceralmente aquela parcela de *mistério* que transmite a sensação de quase nada ter sido compreendido. O segundo ponto refletirá à luz dos ensinamentos dos Padres da Igreja, os quais ofertaram profundas contribuições na leitura exegética dos textos sagrados e na dimensão arcana desse mistério. Serão pontuadas as notas ofertadas pelo Papa Bento XVI, de venerável memória, na obra *Jesus de Nazaré*, que pode ser considerada o ápice da sua produção bíblico-teológica, como ele mesmo enfatizou no prefácio do seu livro. Por fim, procurar-se-á estabelecer uma linha hermenêutica entre o evento ressurreição e o tempo presente.

O evento Jesus de Nazaré repercute ainda hoje com grande intensidade na história. Não se trata de uma figura obsoleta, uma personagem elaborada, mas alguém que tem algo a comunicar, mesmo em nosso tempo volátil, no qual as incertezas parecem alargar as suas fronteiras e o egoísmo inibe as buscas para além de si mesmo, porque, como recordou o Papa Francisco na sua primeira encíclica *Lumen Fidei*, “dado que Cristo ressuscitou e nos atrai de além da morte, a fé é luz que vem do futuro, que descerra diante de nós horizontes grandes e nos leva a ultrapassar o nosso ‘eu’ isolado abrindo-o à amplitude da comunhão” (n. 4).

No Novo Testamento, a compreensão acerca de Jesus desponta com a sua ressurreição. Aliás, desse evento depende não somente o testemunho dos apóstolos, como também a adesão à sua figura enquanto Senhor e Cristo (At 2,36). Já São Pedro, no dia de Pentecostes, recebe em sua boca, do autor sagrado, aquele que viria a ser conhecido como *kerigma primitivo*. À morte de Jesus, seguiu-se a sua ressurreição operada pelo próprio Deus (At 2,23-24). Não somente a cruz é um evento trinitário, como recordou Jürgen Moltmann (2000, p. 221), também a ressurreição necessita ser compreendida sob a mesma ótica, considerando a ação do Pai que ergue o seu Filho e o enche do Espírito: o espírito do Ressuscitado é o Espírito Santo, como bem expressa a teologia joanina¹.

¹ Sobre isso: o discurso de Jesus na festa das tendas reflete a leitura pós-pascal joanina, na qual Ele evoca a figura do Espírito Santo como “Água Viva”, brotando dos que dele bebem (cf. Jo 7,37-39); também o conhecido Pentecostes joanino, que acontece na noite do Domingo de Páscoa, quando o Ressuscitado insufla o seu hálito de vida: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20,22-23). Ainda, in: COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *La coscienza che Gesù aveva di se stesso e della sua missione* (1985). Terza proposizione, 3.3.

Ressurreição é vida que se desenvolve no interior da Trindade com tal expansão que se torna capaz de abarcar mesmo a matéria. O Papa Bento XVI recorda que a pericorese é uma força interventiva na ressurreição. Em outras palavras, “decisivo é o fato de que este homem Jesus não estava só, não era um Eu fechado em Si mesmo. Ele era um só com o Deus vivo, unido de tal modo a Ele que formava com Ele uma única pessoa” (PAPA BENTO XVI, 2024, pág. 270-271).

Alguns séculos fazem, a contenda criada entre o Jesus histórico e o Cristo da fé quase criou uma dicotomia na imagem de Jesus, uma personalidade esquizofrênica da qual pouco se sabe por que as fontes que dele podemos acessar se reduzem a testemunhos por vezes truncados, incompletos ou literariamente elaborados a partir de pareceres teológicos dos autores dos livros que compõem a Bíblia. Essa reflexão, impulsionada pelos ideais iluministas e pela teologia liberal, abalou a Cristologia e lançou os fundamentos do método histórico-crítico. A questão determinante era como pensar o Jesus histórico sem todos aqueles artefatos escriturísticos sobre a sua divindade. É possível explicar os eventos cristológicos de forma histórica?

O risco de uma leitura extremista oscilou tanto para os radicais, que em nada viam historicidade, quanto para os que em nada viam divindade, porque tudo poderia ser explicado à luz da razão. Rudolf Bultmann, por exemplo, foi um dos que limitou o Jesus histórico ao evento cruz, considerando todo o mais irrelevante à fé cristã. O que para ele interessava é o Jesus pós-pascal, fruto do anúncio querigmático: “acontece, porém, que o Novo Testamento, não conhece um Jesus encarado isoladamente, como fenômeno do mundo, dentro da concepção de evolução, esse Jesus é uma reconstrução” (BULTMANN, 2001, p. 42). A história de Cristo está intimamente vinculada à experiência de fé da comunidade:

Infatti, chi legge il Nuovo Testamento non può ignorare la sua prospettiva postpasquale, poiché narra la storia di Gesù a partire dall’esperienza delle comunità di coloro che credono in lui come il Cristo risorto. Perciò, si può dire che chi in esso cerca il Gesù storico, in effetti, incontra il Gesù che è stato riconosciuto come Cristo e Figlio di Dio. Ora, ciò non significa affermare che il Nuovo Testamento non si fondi sulla storia; la consapevolezza del carattere particolare di questi testi richiede un metodo appropriato, per una migliore intelligenza di essi (GRONCHI *apud* LORUSSO, 2018, p. 11).

Para ele, que havia bebido da filosofia heideggeriana, seria suficiente compreender o fenômeno da fé na ressurreição, não entender o fato. Mas aqui a tese bultmanniana se restringiu antes à mensagem do que ao pregador, e a associação do Cristo à luz do Jesus histórico ficou irrelevante no pensamento desse autor.

1. Ressurreição: sentido e compreensão teológica

“A fé e o anúncio dos cristãos se sustentam ou caem com a ressurreição” (FORTE, 1985, p. 88). É sempre difícil falar do que existe além da morte. Esse enigma permanecerá para sempre no coração da humanidade, até que possamos conhecê-lo quando cruzarmos o limiar desta vida para a visão beatífica. “O homem está perante a tensão de querer a finitude, mas temer a ausência de fim; de, por um lado, precisar do futuro, mas, do outro, não o poder suportar” (PAPA BENTO XVI, 2013, p. 252). Isso configura uma das maiores problemáticas quando se fala da Ressurreição de Jesus, porque se fala do desconhecido, do mistério da morte, de um retorno que na verdade não é retorno, é estar *além*.

Desde o Antigo Testamento, os textos sagrados relatam acontecimentos de mortos que voltam à vida, causando admiração e espanto em todos. Ao menos três textos veterotestamentários citam tais prodígios, como o do filho da viúva de Sarepta, revivido pela prece do profeta Elias (1Rs 17,17-24); a mulher Sunamita (2Rs 4,32-37) e o moabita que foi lançado na sepultura de Eliseu e, no contato com os ossos do profeta, reviveu (2Rs 13,20-21). No Novo Testamento temos pelo menos seis relatos, dos quais quatro estão presentes nos Evangelhos. O relato mais conhecido de reavivamento está no capítulo 11 do evangelho de João, conhecido popularmente como Ressurreição de Lázaro.

O reavivamento é um retorno à vida em sua condição de *bios*, ou seja, a vida dos limites, da matéria que será carcomida, dos sinais que marcam fisicamente os tempos já vividos. *Bios* é vida regrada nas concordâncias naturais, vinculada às leis da física. A vida devolvida a Lázaro voltaria a ter fim. Fim este que o próprio evangelista já prenuncia: “Os chefes dos sacerdotes decidiram, então, matar também a Lázaro, pois, por causa dele, muitos judeus se afastavam e criam em Jesus” (Jo 12,10).

O que acontece com Jesus não é retornar à matéria, *bios*. A experiência com o Jesus ressuscitado ultrapassa, a partir de então, os limites do tempo e da lei natural. Jesus estava naquilo que a Bíblia grega traduz por *zoé*, vida que deixou para trás a morte. Por isso, não poderia mais ser morto, não poderia ser reconhecido por todos, mas Ele se daria a conhecer a quem quisesse, além de ser uma presença universal. O seu corpo, embora material, estava numa dimensão totalmente desconhecida: era todo carne e todo espírito. Para os cristãos da primeira hora, a Liturgia seria o lugar por excelência do encontro com esse Cristo vivo.

A Ressurreição ocorre com tamanha grandeza que a própria tentativa por a definir já implica uma série de limitações. Se, durante toda a sua vida, Jesus “trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração

humano” (GS, 22), o que acontece na ressurreição não pode deixar de implicar também o humano, ou melhor, uma intervenção divina na história humana.

Na experiência da Ressurreição está enxertada fundamentalmente a questão do amor. O então padre Joseph Ratzinger, na década de 60, escreveu a magistral obra *Introdução ao Cristianismo*, na qual recorda que o amor requer uma dimensão de indestrutibilidade, e só por ser infinito pode ser indestrutível. Em direção ao Pai, o amor de Jesus o leva a superar a cruz. Existe aqui uma imortalidade do amor, apontada na frase alusiva do início desse trabalho e recordada pelo jovem padre na citada obra (PAPA BENTO XVI, 2015, p. 222).

O amor não se limita aos ditames da morte. Ele carrega em si a potência da vida; é aquela virtude mais forte com a qual todos se apresentarão diante de Deus, segundo testemunha Paulo em seu hino (1Cor 13,13). Aliás, na Sagrada Escritura, *amor* é usado como definição do próprio Deus (cf. 1Jo 4,8). Jesus Cristo encarnou esse amor de tal modo que, pelo Pai, no Espírito, experimentou a superação da morte: tinha que passar para a imortalidade (cf. PAPA BENTO XVI, 2021, p. 73).

Em último caso, a ressurreição faz ressoar aquela promessa que ecoou por todo Israel e estendeu-se para o *novo povo de Deus*, a Igreja: Deus é fiel (2Ts 3,3). A sua fidelidade não permitiu abandonar o seu Filho à morte, tampouco nos deixou a ela lançados, mas continuou a fazer repercutir em nós a sua exortação dada no AT: “Escolhe, pois, a vida” (Dt 30,19). Ressuscitando Jesus, Deus ressuscita e salva o homem. A partir dessa certeza abraçada intensamente pela comunidade cristã primitiva, a compreensão da morte também é alterada. A morte deixa de ser a instância da última palavra, porque agora essa é confiada à vida eterna, vida que brota da experiência da ressurreição.

2. Ressonância dos Padres da Igreja

Nos Padres da Igreja, a ressonância pascal está inevitavelmente presente de maneira pulsante. Ela goza de singular privilégio, já que a redenção é um dos temas mais repercutidos na teologia patrística. Celebrada com grande destaque desde a Igreja primitiva, muitos Padres se debruçaram por pregar acerca desse marco divisor na história. Traremos a perspectiva de três deles: Irineu, Orígenes e Agostinho.

Já no Cristianismo primitivo, os mártires gozaram de grande privilégio entre os cristãos, sobretudo pelo seu testemunho de não abdicar diante das ferozes perseguições. Isso porque já tinham em mente algo ulterior, muito além daquilo que o mundo lhes poderia oferecer. Neles estava imbuída a certeza uma vida além daquela que estavam entregando ao poder tirano, afinal, ninguém renuncia a algo tão importante, a não ser por algo mais importante ainda.

Muitos dos Padres da Igreja presenciaram e viveram a realidade do martírio, dos quais recebemos atos da Paixão (*Passio*), narrativas de martírio, testemunhos alheios dos que o presenciaram. Alguns desses Padres, chamados apostólicos, beberam diretamente da fonte dos que conviveram com o Senhor. Em certo sentido, assumindo existencialmente o significado real da *Páscoa*. A morte, desde Cristo, havia sido convertida de algo aterrorizante à possibilidade de adentrar na contemplação do mistério de Deus.

A Igreja estaria fadada ao desaparecimento se a ela não fosse dado conhecer o evento da Ressurreição. Por isso, a Ressurreição está inserida, por assim dizer, no *miocárdio* do Ano Litúrgico, o Tríduo Pascal. Ela é o eixo gravitacional que atrai todas as demais festividades, e à luz da qual todos os mistérios celebrados podem ser compreendidos. Com razão os Santos Padres representaram com evidente entusiasmo nos seus escritos a verdadeira dimensão desse acontecimento.

Santo Irineu é um dos primeiros Padres a tratar do assunto. A sua famosa *teologia da recapitulação* coloca a ressurreição como plano geral de salvação do gênero humano. Em Cristo se efetiva a reconstrução do homem caído e, com ele, da inteira criação. Em torno da encarnação e da ressurreição, orbita toda a obra da redenção. Na pessoa de Jesus Cristo, manifestação teantrópica, acontece a restituição do homem. Disto provém um artigo da fé por nós professado e relido todos os Sábados Santos no Ofício das Leituras, na homilia de um autor desconhecido da antiguidade: o Senhor, depois da sua morte, desceu à mansão dos mortos, de onde chama o primeiro vivente à vida nova:

O Senhor entrou onde eles estavam, levando em suas mãos a arma da cruz vitoriosa. Quando Adão, nosso primeiro pai, o viu, exclamou para todos os demais, batendo no peito e cheio de admiração: "O meu Senhor está no meio de nós". E Cristo respondeu a Adão: "E com teu espírito". E tomando-o pela mão, disse: "Acorda, tu que dormes, levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará. Eu sou o teu Deus, que por tua causa me tornei teu filho; por ti e por aqueles que nasceram de ti, agora digo, e com todo o meu poder, ordeno aos que estavam na prisão: "Sai!"; e aos que jaziam nas trevas: "Vinde para a luz!"; e aos entorpecidos: "Levantai-vos!" (LITURGIA DAS HORAS, 2000, p. 439).

Irineu, por sua vez, dirá que Cristo recapitula em si todas as coisas. Essa afirmação está à luz do quanto apontou São Paulo na Carta aos Efésios, definindo-a como "desígnio" do próprio Deus (cf. Ef 1,9-10). Não apenas porque assume a posição de mediação entre Deus e os homens, penetrando nos céus como perfeito Sacerdote (Hb 4,15-16), mas porque Ele "confere um sentido unitário a todas as sílabas, palavras e obras da criação e da história" (PAPA JOÃO PAULO II, 2001).

O bispo de Lião recorda que Cristo não pode ser fragmentado, oposto à primeira Aliança estabelecida por Deus com o povo hebreu, mas todas as coisas são lidas à luz dele. Nele repousa o vínculo unitivo e efetivo da relação entre humanidade e transcendência. Portanto, a

figura do Ressuscitado não está restrita a um povo escolhido, mas indica abertura a todo homem que deseja realizar com Ele uma experiência. Entende-se isso a partir de uma famosa sentença irineana, que pode ser tomada como compêndio da sua teologia: "A glória de Deus é o homem vivo; e a vida do homem é a visão de Deus" (SANTO IRINEU, 1995, 4,20,7).

Mas é claro que essa obra ainda não foi totalmente completada, posto que ela necessita de um termo que se dará quando, nas palavras paulinas, "Cristo for tudo em todos" (Cl 3,11). Nesse sentido, Irineu vincula a presença do Ressuscitado à Eucaristia, enquanto vivemos a iminência imprecisa da sua vinda. Existe entre essas realidades um nexos: quem come o Corpo do Senhor ressuscitado e encarnado, torna-se ele mesmo ressuscitado e incorruptível em Cristo (SANTO IRINEU, 1995 5,5 e 33,2). A fé no ressuscitado é indispensável para a salvação cristã.

Orígenes (séc. II), ao comentar o evento da ressurreição, recorda a participação que o ser humano nela possui:

Se ressuscitamos com Cristo, que é a justiça, e andamos em uma vida nova, e vivemos segundo a justiça, Cristo ressuscitou para a nossa justificação. Porém, se ainda não nos despojamos da velha condição humana, mas vivemos na injustiça, atrevo-me a dizer que Cristo não ressuscitou ainda para a nossa justificação nem foi entregue por nossos pecados (ORÍGINES, 2016, p. 90).

Aliás, essa participação não é exclusividade nos Padres da Igreja. A ressurreição se dá em vista não apenas do poder de Deus que exprime o seu amor, mas da necessidade que o ser humano tem de ser redimido. Assim, vale a pena citar um escrito seu a título de reflexão:

L'apostolo dice in altri passi che noi siamo ormai risorti con Cristo [...] mentre qui lo dice come cosa che attualmente è futura e da sperare, questo è il motivo per cui si pensa a una duplice resurrezione: una secondo cui con la mente, l'intenzione e la fede risorgiamo con Cristo dalle realtà terrene per meditare sulle realtà celesti e ricercare quelle future; l'altra, che sarà una resurrezione generale di tutti nella carne. Pertanto, quella resurrezione che è secondo la mente, in base alla fede, sembra già realizzata in coloro che pensano alle cose che sono lassù dove sta Cristo alla destra di Dio [Col 3, 1]. Invece la resurrezione generale della carne che riguarda tutti è ancora futura: quella infatti si è compiuta nella prima venuta del Signore, questa si compirà nella seconda" (Comm. In Rom. V, 9).

É sabido, porém, que Orígenes, embora com uma vastidão de escritos relevantes, incorreu na heresia por ele criada da apocatástase, segundo a qual, por ocasião do Juízo definitivo, todas as coisas serão unidas a Deus, de modo geral, toda a criação. E assim, mesmo os demônios que rejeitaram a obediência e aderiram a Lúcifer serão restaurados à unidade do amor de Deus. A segunda ressurreição, como acima dito, não se pressuporia vinculada a um único mistério, como que sendo parte de uma única ressurreição, mas é quase independente, uma segunda ressurreição de fato.

Outro Padre da Igreja que trabalhou com maestria a Ressurreição foi Agostinho de Hipona. Em uma carta por ocasião da Páscoa, começa por averiguar os aspectos lexicais que compõem a palavra Páscoa, que tem a sua origem no hebraico פֶּסַח (*Pessach*), isto é, passar

sobre, passar por cima, e foi relacionada para o grego com outro sentido semântico, embora tenham fonemas parecidos, Πόσχα (com raiz em *pathos*), sofrimento.

O bispo hiponense tem predileção pelo quarto evangelista por considerá-lo o apóstolo mais próximo à Jesus e aquele que colhe os ensinamentos com maior profundidade. Por isso, escreve o seu Comentário ao Evangelho de João. Nele recorda que a obra de salvação não é apenas de Cristo, mas da Trindade, operada na união substancial das Pessoas. Por isso, ainda que Jesus disponha da história, sua obediência ao Pai não o permite legitimar para si a própria vontade.

Da cruz, “cátedra do mestre que ensina” (SANTO AGOSTINHO, *Serm. 119*), aquele que foi pregado ao madeiro faz de todos os seus membros um verdadeiro ensinamento. Mais do que com as palavras, Cristo está continuamente aderindo ao Pai pelo seu testemunho. Ao cristão não é dado, portanto, permanecer com uma fé infantil, mas esforçar-se por atingir a maturidade, compreendendo a presença do Ressuscitado a partir da fé, não simplesmente do tocar (cf. *ibid.*, *serm.* 121).

É nessa esteira que, depois de ressuscitado, na sua primeira aparição no Evangelho de João, Jesus repreende Madalena que avançou sobre ele para abraçar os pés: “Não me toques, porque ainda não subi ao Pai” (Jo 20,17). Perguntou, então, o santo bispo: “Que quer dizer isso? Se não se pode tocar enquanto está ainda na terra, como será possível tocá-lo quando tiver subido ao céu?”, e responde: “Maria talvez acreditasse nele, todavia retinha que ele não fosse igual ao Pai, e por isso ele a repreende dizendo: ‘não me toque’, isto é, não acredite em mim segundo a ideia que ainda tens de mim; não te limites a deter a tua atenção sobre o que eu me tornei para ti” (*Sermo* 121).

3. Perspectiva Cristológica de Bento XVI

O Papa Bento XVI dedicou todo o capítulo 9 do seu segundo volume sobre *Jesus de Nazaré* ao evento da Ressurreição. Começa recordando a sentença paulina que é indispensável para os seguidores de Cristo: “Se Cristo não ressuscitou, então é vã a nossa pregação, é vã a vossa fé. E nós aparecemos ainda como falsas testemunhas de Deus, porque contra Deus afirmamos que Ele ressuscitou a Cristo” (1Cor 15,14-15). Nessa afirmação, Paulo toma por relevante e fundamental o tema da ressurreição.

Bento XVI recorda que sem essa crença convicta na ressurreição, “a fé cristã está morta” e Jesus não é mais do que uma “personagem religiosa falida” (2011, p. 217). O risco de se cair em um fideísmo que professa Deus por Deus, independente da sua ação e intervenção através de Jesus, põe-se em frontal oposição a essência da Cristologia. Ainda mais, Cristo já

não é a medida da qual fala Paulo (cf. Ef 4,13-15), mas só existe espaço para o imanentismo vazio ou uma transcendência ideológica. Com isso, arremata o Papa Ratzinger:

Somente se Jesus ressuscitou aconteceu algo de verdadeiramente novo, que muda o mundo e a situação do homem. Então Ele, Jesus, torna-se o critério no qual podemos fiar-nos; porque então Deus manifestou-Se verdadeiramente (2011, p. 218).

A ressurreição de Jesus é determinante para entendermos a sua presença, quer seja só no passado, quer seja também hoje. Se ele apenas existiu ou continua a existir, só podemos sabê-lo a partir dessa realidade que supera a capacidade racional humana. Os grandes dilemas da ressurreição nascem justamente disto: da impossibilidade da razão em atingir a essência desse fato, que possui um ponto gravitacional comum: Jesus de Nazaré, crucificado pelas autoridades do seu tempo, três dias após a sua morte ressuscitou dos mortos.

O fenômeno que aquelas testemunhas presenciaram é totalmente novo, indescritível. Não se pode simplesmente apreendê-lo de maneira lógica, porque esse fato escapa a toda logicidade. E nesse sentido, a ressurreição acaba por ser um marco divisor. Citando Bultmann, o Papa lhe dá razão ao dizer que “ainda que Jesus tivesse voltado do sepulcro, contudo, dever-se-ia dizer que ‘tal acontecimento miraculoso da natureza, como a reanimação de um morto’, em nada nos ajudaria e, do ponto de vista existencial, seria irrelevante” (2011, p. 219). Ou seja, não se trata apenas de uma volta do sepulcro se “se tratasse apenas do milagre de um cadáver reanimado, em última análise isso não nos interessaria de forma alguma” (idem).

A ressurreição, lembra o Papa, parte de um tipo totalmente novo de vida, uma realidade meta-histórica. A propósito dessa característica, tem-se que tecer algum comentário. O sentido *meta-histórico* não é negar a ressurreição enquanto acontecimento dado na história, já que a partícula grega *meta* (para além de) pode dar a entender isso. Nesse caso, fala-se de um elemento que mesmo da história, transcende-a. É “a evasão para um gênero de vida totalmente novo, para uma vida já não sujeita à lei do morrer e do transformar-se, mas situada para além disso” (PAPA BENTO XVI, 2011, p. 219).

Walter Kasper (1986, p. 169) aponta o fato de os testemunhos sobre a ressurreição falarem de um acontecimento que não se pode limitar ao âmbito histórico e sequer pode ser explicado dentro da história, sendo necessário convergir o olhar à escatologia. Só sob essa perspectiva é possível tecer uma leitura capaz de tornar compreensíveis os testemunhos da Igreja primitiva e da tradição recebida posteriormente. Jesus entrou na dimensão de Deus e ali permanecerá até a consumação dos séculos. Essa dimensão, explica Kasper, é o que denominamos *céu*, e que se na tradição de Israel era compreendido como um lugar superior à terra, no cristianismo passou a ser um estado no qual nos é possibilitado tocar a Graça.

Com a ressurreição de Cristo, deduz-se que o seu mistério integra todo homem. Os raios de tal acontecimento se espargiram sobre a humanidade posterior. Com razão, São Paulo proclama, e a Igreja canta em seu Ofício Divino, o chamando “primogênito dentre os mortos” (Cl 1,18). Naquele momento, Ele se põe definitivamente como protótipo do homem para que a sua recriação não seja um ideal futurístico, mas comece no agora. Ali “foi alcançada uma nova possibilidade de ser homem, uma possibilidade que interessa a todos e abre um futuro, um novo gênero de futuro para os homens” (PAPA BENTO XVI, 2011, p. 219).

Quem poderia cogitar a possibilidade de um Messias crucificado? Seria deveras imaginável que o Ungido, aquele do qual falaram os sábios, que confere sentido às profecias do Antigo Testamento, agora tivesse sido submetido a um espetáculo macabro de morte. Porém, é o que aconteceu. O fato ali estava e os apóstolos precisariam lidar com isso.

O Papa pontua ainda quatro importantes notas sobre a ressurreição. São elas: a morte de Jesus; a questão do sepulcro vazio; o terceiro dia; as testemunhas. Apontamentos pertinentes que legaram reflexões amplas à teologia. Contudo, deter-nos-emos apenas nos aspectos mais relevantes sobre cada uma.

- a) *A morte de Jesus*: Que Jesus tenha morrido é dado histórico. Disso dão conta os textos sagrados e alguns relatos históricos dele contemporâneos². Mas o papa vai além, recordando que a morte de Jesus não se situa apenas como resultado do artifício religioso-político. “Não provém da presunção do homem, mas da humildade de Deus... É uma morte no contexto do serviço de expiação: uma morte que realiza a reconciliação e se torna luz para os povos” (PAPA BENTO XVI, 2011, p. 227).
- b) *A questão do sepulcro*: Essa talvez seja uma das temáticas mais sensíveis envolvendo a ressurreição. “Jesus saiu do sepulcro ou não?”, foi a pergunta de muitos teólogos ao longo das especulações factuais. E algo que parece irrelevante para alguns, torna-se na verdade crucial. Havia quem disse que Cristo ressuscita no *querigma*, como Bultmann, ou mesmo quem dissesse que a sua ressurreição foi um entusiasmo da comunidade, que não permitiu apagar da história a memória do seu fundador. De que gênero é a ressurreição? “Hoje se desenvolveram concepções de ressurreição para as quais é irrelevante o destino do cadáver. Mas, em tal hipótese, também o sentido da ressurreição se torna tão vago que obriga a interrogar-se sobre qual gênero de realidade temos num tal cristianismo” (PAPA

² Sobre isso: Flávio Josefo (séc I), *Antiguidades Judaicas*. Liv. 18, 63-64.

BENTO XVI, 2011, p. 228). Walter Kasper defende que o sepulcro vazio anuncia a ressurreição enquanto sinal, mas não é uma prova dela (CALDEIRA, 2013, p. 599). Também Bento XVI, embasado na afirmação paulina, diz não ser explícito que o sepulcro estivesse vazio, mas é um claro pressuposto. Se o sepulcro vazio alavanca muitas dúvidas, “teria sido impossível um anúncio da ressurreição se o corpo de Jesus continuasse a jazer no sepulcro” (PAPA BENTO XVI, 2011, p. 231). A ressurreição pressupõe a incorruptibilidade do corpo, ou seja, não ver o estado de desgaste das células, da permanência em um processo que vai consumindo o homem.

- c) *O terceiro dia*: Bento XVI nega que o terceiro dia se trate puramente de uma “data teológica”, mas é o dia que dá o passo decisivo na virada da catástrofe da cruz. Obviamente que para chegar a esse ponto foi necessário já se ter consciência da figura pós-pascal do Cristo e do domingo como novo dia que substitui o sábado. Um acontecimento de tamanha grandeza seria o único capaz de fazer com que houvesse uma rejeição ao sábado e adesão ao domingo como novo dia.
- d) *As testemunhas*: Não apenas os Doze, mas toda uma comunidade de discípulos pode experimentar a aparição do Ressuscitado. A tônica da missão da Igreja deriva da forma nascente que ela tomou no encontro com o Ressuscitado. Esses encontros vão sendo compreendidos à medida que os seguidores assumem o Espírito do Ressuscitado.

3.1. As aparições do Ressuscitado: sentido teológico

Duas aparições dentre as tantas realizadas pelo Ressuscitado podem vir aqui mencionadas. A primeira delas é a Paulo. Colhemos dele os primeiros anúncios da ressurreição. O seu encontro na estrada de Damasco, com Cristo, é diferente daquele encontro tido com os apóstolos na ressurreição. Por três vezes o apóstolo dos gentios relata a sua conversão e o seu encontro com Jesus (At 9; At 22; At 26), mas em nenhuma delas vê o Senhor. Antes, percebe fenômenos.

Bento XVI lembra que “a percepção por parte dos companheiros foi diversa de Saulo; apenas ele foi o destinatário de uma mensagem que significa uma missão” (PAPA BENTO XVI, 2011, p. 236). Jesus se autoidentifica com a Igreja perseguida, fazendo de Paulo um difusor da sua mensagem. Isso o motiva aos primeiros escritos sobre o Crucificado-Ressuscitado. Em suas epístolas, insere os dois termos pós-pascais usados pela comunidade

primitiva e apropriados por sua teologia: *Senhor* e *Cristo*. É mediante o uso do *Kyrios* que a comunidade cristã primitiva reconhece o senhorio de Jesus e a sua condição divina (Rm 10,9; 1Cor 12,3; Fl 2,11).

A respeito desses dois títulos, Bruno Forte recorda: “O termo Senhor (*Kyrios*)... evoca a entronização do Filho do Homem e a sua majestade régia no fim dos tempos... Portanto, o título tem um significado escatológico-soteriológico” (1985, p. 92). Da mesma forma o título *Cristo* tem uma finalidade específica: enfatizar Jesus como personificação das Escrituras, Ele as cumpre inteiramente. Com isso, Paulo afirma que Jesus Cristo está exaltado e presente por meio do seu Espírito na vida da Igreja. Todas as coisas estão submetidas a ele porque nele há o já está o Reino de Deus. E disso entendemos que

o Novo Testamento raramente fala da ressurreição de Jesus na forma ativa (1Tess 4,14; Lc 24,7; Jo 20,9). A fórmula “Deus ressuscitou Jesus entre os mortos” prevalece e se converte em predicado divino (Rm 4,24; 2Cor 4,14; Gal 1,1; Ef 1,20; Col 2,12). Portanto, a ressurreição de Jesus representa a decisiva ação escatológica de Deus. Revela quem é Deus, aquele cujo poder responde pela vida e pela morte, aquele que é amor e fidelidade, poder de vida nova diante da fraqueza humana. A ressurreição de Jesus é revelação e realização do Reino de Deus, anunciado por Jesus. Nela, Deus manifestou sua fidelidade ao amor e se identificou definitivamente com Jesus e sua causa (CALDEIRA, 2013, p. 603).

A ressurreição não é um fenômeno que possa ser descrito com minúcia. Não há nenhum detalhe acerca da precisão do momento no qual se desenrolou o fato. Apenas somos confrontados ao relato do sepulcro vazio.

Nos Evangelhos, os relatos sobre aparições de Jesus são descritos com a sua presença real. O encontro com as mulheres, com Tomé, com os discípulos de Emaús, com os apóstolos à margem do lado de Tiberíades. São muitos os sentidos de suas aparições, mostrando que essas experiências não podem ter sido simplesmente elaboradas, mas, dada a sua complexidade, só podem ter ocorrido na história: “se tivesse sido inventada a ressurreição, toda a insistência se concentraria sobre a plena corporeidade, sobre o imediato reconhecimento” (PAPA BENTO XVI, 2011, p. 238). O intuito dos evangelhos sequer se aproxima disso. Fala sim que os apóstolos, de imediato, nunca reconheciam o Senhor, e precisavam que Ele se desse a conhecer.

Bento XVI levanta uma questão interessante: ficamos todos impressionados porque os discípulos já não o puderam reconhecer. Mas dele só se pode falar através de analogias, em consideração ao mistério que tudo supera.

4. Compreensão hermenêutica da ressurreição

Depois de refletidos os aspectos bíblico-teológicos da ressurreição, é justo que se considere o fator hermenêutico e a sua aplicabilidade no tempo presente, afinal as ações de Jesus repercutem na vida e missão da Igreja. Por meio da comunidade eclesial, os gestos de

Cristo são reproduzidos e associados à vida dos cristãos. Diante disso, impõe-se como questão primeira compreender de que maneira a mensagem da ressurreição pode impactar a vida cristã atual. Tal mensagem constitui, sem dúvida, o mais impressionante anúncio de todos os tempos, não apenas pela pessoa de Jesus de Nazaré e dos seus feitos, mas pela intervenção de Deus em seu favor, colocando-o em pé diante da morte.

Os evangelhos apresentam, sobre a ressurreição, informações dissonantes, o que qualifica tal evento como passível de veracidade. A experiência da ressurreição foi vivida de modo singular por cada testemunha, tornando-a um ato pessoal e não-uniforme. Se há um elemento basilar que imprime caráter ao fato, pesa em favor da autenticidade o modo como cada um descreveu a sua relação com o ressuscitado. Cada evangelista, ao narrar as manifestações do Jesus pós-pascal, descreve a sua própria experiência com o evento ressurreição.

Por algum tempo, a teologia clássica se limitou a reproduzir os eventos da ressurreição sem considerar o fato histórico em si, negligenciando a questão hermenêutica. Com a renovação nos estudos bíblicos e o fervilhar da corrente existencialista, a busca por aproximar do acontecimento real se torna uma das chaves de leitura do evento Jesus, condensada sobretudo na figura de Bultmann. A ressurreição é amplificada à dimensão de evento, ou seja, não é relevante a historicidade das narrativas bíblicas, mas aquilo que ela suscita a partir do *elã* pascal.

É inegável que sob a aba da ressurreição se abrigaram muitas interpretações já presentes no cerne do judaísmo antigo e na transição do mundo judaico para o cristão, haja vista o terceiro dia, o arrebatamento do justo, a superação do templo pela presença espiritual do ressuscitado, a predileção de Deus pelos mais simples, a recriação no novo Adão, a redenção integral da pessoa.

A hermenêutica da ressurreição é antes de tudo uma mensagem histórico-salvífica. Deus redime a história através de Jesus Cristo, realizando um ato integral. Muitas são as críticas tecidas às tendências maniqueístas que se reacendem com frequência na esfera da religião, motivadas pelo dualismo platônico de corpo e alma. Conforme recordou o Papa Francisco na *Lumen Fidei*:

enquanto unida à verdade do amor, a luz da fé não é alheia ao mundo material, porque o amor vive-se sempre com corpo e alma; a luz da fé é luz encarnada, que dimana da vida luminosa de Jesus. A fé ilumina também a matéria, confia na sua ordem, sabe que nela se abre um caminho cada vez mais amplo de harmonia e compreensão (n. 34).

Salvando o homem em sua integridade, a ressurreição permite sublinhar a dignificação da pessoa. Aspecto comum entre os autores sagrados é o de identificar as mulheres como primeiras testemunhas do túmulo vazio (Mt 28,1-8; Mc 16,1-8; Lc 24,1-8; Lc 24,22-23; Jo 20,

1-2.11-18). Qualificando-as como testemunhas, Jesus indica a sua predileção pelos mais vulneráveis e desfavorecidos. Era necessário, para toda a comunidade cristã, que o crer na ressurreição fosse amparado pelo testemunho daquelas mulheres. Com isso, o Cristo quis mostrar que a comunidade dos crentes não tinha como eixo central o legalismo mosaico, mas a ação do Espírito que, tendo-O preenchido, agora inspirava a Igreja em um novo dinamismo.

O Cristianismo do século XXI é assolado pelas mais contrastantes realidades. A mensagem cristã parece estar frontalmente oposta às ideologias que marcam o compasso do mundo. Nesse sentido, superar o dualismo mundo-sagrado é necessário se se deseja entender a ressurreição como ação do Cristo total e os seus efeitos em uma renovada compreensão do ser humano. São Paulo já propunha essa superação quando trabalhou a filiação e hereditariedade divina por Cristo no Espírito: “Se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo, pois sofreremos com ele para também com ele sermos glorificados” (Rm 6,17).

Considerações finais

Ao termo dessa breve análise acerca da ressurreição, cabe recordar mais uma vez a sua importância para a fé cristã. Em Jesus se dá uma transformação da matéria que entra agora no campo do divino; são duas extremidades que se tocam e já não parecem frontalmente opostas porque o homem Jesus assume a natureza divina e a concilia em seu corpo. “A ressurreição descerra o espaço novo que abre a história para além de si mesma e cria o definitivo” (PAPA BENTO XVI, 2011, p. 245). O Ressuscitado não é uma parte etérea que a Igreja usa como forma de manipulação.

Jesus toca a história com a sua natureza divina. E, assim, a história se permite ser o núcleo pelo qual Deus entra e, de dentro dela, mas para além dela, promove a sua redenção. Ainda que seja *meta-histórica*, a ressurreição abre-se à temporalidade de modo que é possível falar de testemunhas, de dias, do que é relacionado a essa presença permanente e ampla que perpassa a História.

Essa análise oportuniza verificar a fé cristã da comunidade primitiva e a sua compreensão acerca do Ressuscitado, assimilando os fundamentos que fazem com que a Igreja subsista até o tempo presente, dado que a sua base não se ergue sobre a incerteza, mas está amparada pelo testemunho primitivo. Certamente se pode aludir àquela parábola com a qual Jesus compara a sabedoria do homem que edifica sobre a rocha e a imprudência do que edifica sobre a areia (cf. Mt 7, 24-27). Ambos podem ter erguido monumental construção, se não existirem fundamentos que a deem consistência, perecerá sem muita resistência.

Referências

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. 13ª ed. São Paulo: Paulus, 2019.

BULTMANN, R. *Crer e Compreender*. São Paulo: Sinodal Editora, 2001.

CALDEIRA, A. C. G. P. A ressurreição de Jesus: uma abordagem a partir da reflexão de Walter Kasper. *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro, v. 45, 2013.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Const. Past. *Gaudium et Spes*. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história: ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1985.

KASPER, W. *Jesus, El Cristo*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1986.

LITURGIA DAS HORAS. Vol. II. São Paulo: Paulus, 2000.

LORUSSO, G. *Risurrezione: la testimonianza dei Vangeli e delle lettere paoline*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2018.

MOLTMANN, J. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a Teologia*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ORÍGINES in *Lecionário Patrístico Dominical*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

PAPA BENTO XVI (Joseph Ratzinger). *Dogma e Anúncio*. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. *Encíclicas de Bento XVI*. São Paulo: Paulus, 2021.

_____. *Homilias*, vol. 1: 2005-2007. 1ª ed. São Paulo: Molokai, 2024.

_____. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico*. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2015.

_____. *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

PAPA FRANCISCO. Carta Enc. *Lumen Fidei* (29 de junho de 2013). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 11 jun. 2024.

PAPA JOÃO PAULO II. *Audiência Geral* (14 fevereiro de 2001). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2001/documents/hf_jp-ii_aud_20010214.html. Acesso em: 15 jun. 2024.

SANTO AGOSTINHO. *Commento al Vangelo di San Giovanni*. Disponível em: https://www.augustinus.it/italiano/commento_vsg/index2.htm. Acesso em: 15 jun. 2024.

SANTO IRINEU. *Contra as Heresias*: Denúncia e refutação da falsa gnose. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1995.

Recebido em: 12/08/2025

Aprovado em: 30/08/2025